

QUINTA-FEIRA
Lisboa--10 de Outubro--1929

5 TOSTÕES

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

177



sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Os horrores de uma sopa deliciosa



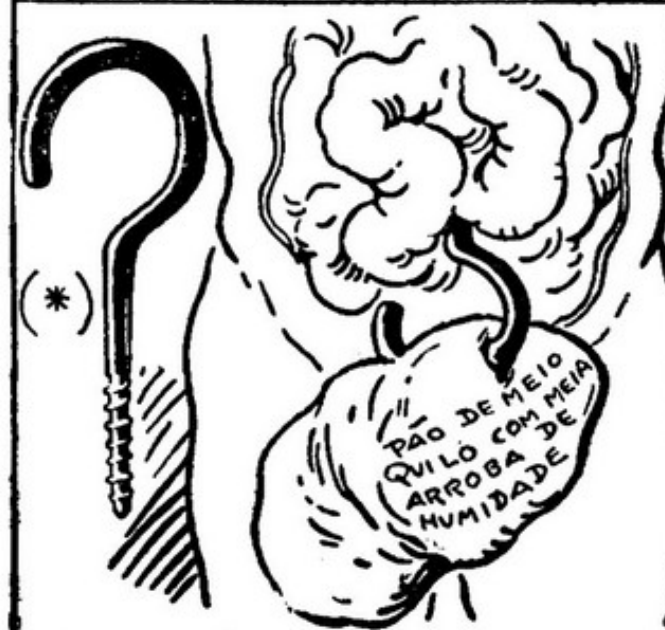
Na semana passada uns camarões seclerados introduziram-se-me subrepticamente no estomago e anexos sob o disfarce de uma sopa saborosissima de gosto, mas horrivel de efeito,



tendo privado o amigo leitor da semsaboria dos meus bonecos no número anterior.



Que trabalho o do meu dedicado e carinhoso Gatenol! O dr. Assis Brito, achando assaz bruto o vltus que me la virando, deitou a rede da sua sabedoria á intoxicação do malvado crustaceo, com medicamentos do Cruz e do Estacio. Devo-lhe a vida--e as visitas.



Visto que o Destino me reservára camarões para áquele dia, bem podia ter-me fornecido d'estes (*). Embora mais rijos, são ferruginosos, e convenientemente atarrachados no estomago, até me fariam arrastar-me no interior e pesadissimo pão, tornando-me incomparavelmente mais leve.



Ao Intendente Goral das Policias Submarinas rogo a imediata e rigorosa fiscalisação dos virulentos camarões, multando-os com a mesma falta de piedade que eles tiveram para comigo.



Resolvi não apresentar queixa contra os facinoras porque a Policia está em maré de nada descobrir. A minha sopleira, a Estrudes, é que descobrirá no Mercado 31 de Janeiro os revolucionarios articulados que me passaram os intestinos em revolução e me arrastaram um 31 dos diabos.



Os ditos da semana



Em Banho Maria Depois de alguns melhoramentos e transformações, reabriu o cinema S. Luiz. Estabeleceu-se uma defesa perfeita contra o perigo de incêndio.

Quem vai ao S. Luiz vai tranquilo. Ali nunca ha fogo, nem sequer na bilheteira.

Mas se algum dia, por um acaso quasi inverosimil, se ateasse o fogo em qualquer parte, o perigo seria nulo. Logo que um fogo suba, desce o pano de ferro e o ataque começa instantaneamente.

Para esse efeito construiu-se no palco uma gaiola de cimento armado para o chefe dos bombeiros, donde ele comanda a manobra sem necessidade de pronunciar uma palavra. Tudo se faz electricamente por meio de campainhas e sinais luminosos. Ou não se tratasse de fogo.

A gaiola pode estar envolvida em chamas porque é de cimento armado e veste-a uma cortina de agua. E o bombeiro lá dentro, sem uma porta para a rua, sem uma fresta para respirar, sem um buraco para ver o fogo, continua a comandar. O que lhe vale é a agua que envolve o recipiente.

Até parece que a Empresa tehciona fornecer ao publico, além de primorosas fitas, bombeiro ao natural, cosido em banho-Maria.

5 de Outubro Fez na semana passada dezanove anos que se proclamou a Republica. O povo de Lisboa festejou-a estroondosamente no fundo das suas consciencias, com tolerancia para as ideias dos outros, esquecendo já dos tempos jacobinos da propaganda, em que alguns

patriotas, pela intransigencia para com a reacção, não permitiam sequer que o seu sangue se sujeitasse á reacção de Wassermann. Exageros proprios duma epoca agitada de propaganda.

Havia, nesse tempo, quem não saisse á rua sem uma gravata verde e encarnada, como se as convicções fossem uma coisa que se trouxesse ao pescoço. Os adeptos do regimen de então metiam-lhe diadema aqueles que, por essa forma, exteriorisavam o seu amor á Republica.

E não foram precisos mais de dezanove anos para que os serventuarios do velho regimen caissem na mesma infanildade, exagerando-a.

Hoje não se trazem as convicções ao pescoço. Trazem-se por todo o corpo, em forma de D. Manuel de cobre, a servir de botão de punho, em forma de coroa real fazendo de alfinete de gravata; em forma de penduricalho na cadeia do relógio, e até nas

ricas azues dumas cuecas de seda.

O rei, porque lhe atribuem origem divina, ainda, como Deus Nosso Senhor por toda a parte, e justamente porque anda por toda a parte não pode ser excluido de nenhuma parte do corpo.

Horas Tornamos mais uma vez a mudar de hora. Sem respeito nenhum pelos relógios e pelo tempo, cuja missão é andar para deante fez-se os ponteiros andar para traz.

Quando a gente já estava na meia noite dum dia de atribulações, com a certeza de que se ia entrar num dia talvez melhor, záz! vem a tirania dum ponteiro e grita-nos:

— Ora torna lá a viver mais uma hora deste dia aziago.

O peor é que ha o relógio da barriga de cada um e esse, quando começa a dar horas, não ha ninguem que seja ca-

paz de atraza-lo, porque a fome é negra e ainda se não descobriu a forma de a atrazar senão dando-lhe de comer. A paparoca correspondente de certo modo, no relógio da barriga, á corda dos relógios de parede. Sem elas nada anda.

Bem podem atrazar os relógios, que o tempo não pára, sempre indiferente ás horas novas e ás horas velhas.

E assim, atrazar os relógios uma hora é dar mais uma hora de fome aos que tem fome.

Cruz e Sousa Cruz e Sousa enviou-nos um tango — Maldicta cocaina — e um dueto — Flór da rua, erva de estufa. Mandamo-los executar no nosso salão de concertos e gostamos egualmente dos dois, mas tocamos de preferencia o segundo, porque nos dizem ser perigoso o abuso da cocaina.

Cruz e Sousa produz prodigiosamente, inundando o mercado de musicas sempre cada vez mais apreciadas e de maior successo. Os seus tangos são seus. Ha mesmo quem julgue, ao contrario do que pensava Darwin, que Cruz e Sousa, foi o autor dos orange tangos.

Amarelhe Na proxima 6.ª feira no Salão de Festas do Casino Internacional do Monte Estoril, inaugura-se a exposição de caricaturas e retratos de Amarelhe — o artista distinto que ao *Sempre Fixe* tem emprestado o melhor do seu talento.

Quer dizer: Amarelhe vai expor-se mais uma vez na Costa do Sol — á adoração de toda a gente...

Fausto de Figueiredo



ou a alma da Costa do Sol, pae da Feira de Amostras dentro de Terra, porque a mãe da Feira de Amostras dentro do Mar é a moda



— O senhor pode dizer-me o que representa este quadro?
— A comida deste mês...



— Vejamos, senhor. Não me vai dizer agora que foi o Menino Jesus que o pôs na chaminé...

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

AS memórias dos artistas teatrais... Poucos são os que, entre nós, as têm deixado. No entanto, são obras que se leem sempre com agrado, e que o publico recebe com carinho. O artista teatral entra na admiração do publico e o publico deseja saber da sua vida e do seu pensamento.

A que proposito falamos nisto? E' o que se vai ver...

No nosso colega *O Seculo*, de sexta-feira da semana passada, escondido numa pagina dedicada á freguesia da Madalena, vem um artigo assinado por Chaby Pinheiro. Admirados do caso, lemos o artigo até ao fim. Deve fazer parte das memórias daquele artista. Intitula-se «A Madalena».

Começa Chaby por dizer:

«A minha infancia, os primeiros anos da minha vida de rapaz — ainda habitava o 3.º andar do n.º 1 do largo da Madalena, quando me estreei no teatro de D. Maria II, na famosa companhia dos Rosas & Brazão. De lá, embarquei pela primeira vez para o Brasil, para a minha primeira *tournee*, e, no regresso, lá encontrei a minha querida avozinha! Quando ela faleceu, pouco depois, é que nós saímos da Madalena, indo morar para o Bairro Andrade, rua Maria, para uma casa do meu querido amigo Antonio Macieira, donde mudei mais tarde para a rua da Vinha, 44, 2.º, onde vy, ex.º, tem uma casa as suas ordens, porque ainda hoje nela me conservo. Eu sou instintivamente conservador. Em toda a minha vida, que já vai longa, habitei apenas em seis casas. Creio que nasci na rua de S. Julião; depois morei com meus avós no largo da Sé, num quarto andar, que tem um enorme quintal! Depois na rua Nova de S. Mamede (na Calçada), e, finalmente, no largo da Madalena, na casa que forma angulo com a Igreja e que é pertença da Irmandade do Santissimo Sacramento, da qual o meu avô paterno empunhou a vara de puz durante muitos anos.»

Chaby é, portanto, um autentico lisboeta, pois que nasceu, oré, na rua de S. Julião.

Das suas primeiras inclinações para o teatro, ele o diz mais abaixo, quando fala duma familia Mahony, sua vizinha:

«O John, o mais velho e o unico sobrevivente dessa illustre familia, levava-me, ás quintas-feiras, ao Coliseu dos Recreios, que era então no ponto onde está hoje o Eden-Theatro; e, mais tarde, o Carlos dava-me todos os bilhetes de beneficio que lhe impingiam para o Principe Real.»

Muito ri com os palhaços e muito chorei com os dramalhões da farsa e alguidar, graças á amabilidade destes bons vizinhos do largo da Madalena.»

Do principio da vida boémia que levou, refere-se deste modo:

«Outro vizinho, que muito andou pelos bastidores, acabando por ser empresario, foi o Edmundo Cordeiro, sobrinho do Sertá da Silva. Morava no principio da calçada do Caldas e tinha optimos carros e magnificas parelhas de cavalos. Algumas vezes me deixou em casa, no regresso do «Silva» e do «Augusto», *restaurantes* da estordia, que eu começava a frequentar. Nessas noites, o guarda nocturno cumprimentava-me com mais respeito e eu subia as escadas da Igreja, que conduziam á minha porta, com a magestade d'um castelão que deixa a sua equipagem e entra no seu castelo! Depois recolhia-me ao meu quarto da Torre — o meu quarto era efectivamente quasi debaixo da tor-



Henrique Alves, o nosso bom Henrique, sempre joven e sempre moço, regressou de terras brasileiras, com saudades dos portugueses. Também nós temos saudades do tempo em que o vimos trabalhar ao lado dos Rosas e Brazão...

re — e adormecia, tão tranquila e profundamente, sem que os repiques matinaes conseguissem acordar-me.

O que é ter vinte e poucos anos, uma consciencia tranquila. Tudo isto vai muito longe e poucos restam dos que respiram os ares da Madalena, quando eu lá habitava. E' tristissimo olhar para traz e ver o caminho despovoado!»

Apesar de se supór que os jornais se leem desde o fundo á ultima linha dos anuncios, julgamos que este artigo de Chaby Pinheiro ficou por ler entre os que se interessam por coisas de teatro. Eis uma das razões porque o transcrevemos na sua maior parte — na mais interessante.

Chaby Pinheiro tem já um passado glorioso que mereça que se fale dele desta maneira. E' um dos que pode ficar na historia do teatro português... E' um nome... e só-lo-hia maior se não tivesse nascido em Lisboa, na freguesia da Madalena...

DIZ-SE por ahi que o T. N., fechando as suas portas, para obras, no dia 15 do mês que vem, vai ser posto a concurso pelo Estado, em Janeiro proximo.

Sabemos, no entanto, que as companhias A. R. C.-R. M. e E. L.-A. A. fizeram requerimentos a pedir o teatro. Além destes dois agrupamentos artísticos, fez tambem requerimento a actriz I. S. Consta-nos ainda que esses requerimentos ficaram sem despacho devido ás intenções do Governo, acima escritas.

publicou, ha dias, a seguinte informação:

«Consta que um artista-empresario muito aplaudido acaba de obter a concessão de uma grande casa de espectaculos de Lisboa, na qual tenciona realizar, oportunamente, uma importante exploração.»

O teatro deve ser o nosso lirico — calculamos. A respeito do artista-empresario, não andaremos longe se dissermos que é o... nosso velho B., que naquela mesma casa já fez duas epochas brilhantes...

A temporada de inverno abriu, para o teatro declamado... no Cartaxo. All se estreou C. P. e a sua companhia. All se estrearam tambem duas peças... O Cartaxo — e nesta occasião esta linda villa ribatejana é um simbolo — teve honrs de abertura de temporada de inverno.

A provincia começa a imperar. Lisboa e Porto já não dão cartas...

O Alegum, o grande comico Alegum, que fez delirar aquela saudosa platão do T. do G., realizou uma *recita de homenagem* no Cinema-Castelo da Parede.

Levou á scena duas peças: *Casem-se rapazes* e *Pouca vergonha*.

Realmente, é pouca vergonha dos empresarios deixar andar pela Parede um artista da categoria do Alegum, a fazer *recitas de homenagem* para conseguir o pão de cada dia...

E estão a trabalhar em Lisboa verdadeiros mamarrachos...

NOVE teatros vão funcionar, esta inverno, em Lisboa: cinco de declamação e quatro de revista...

Antes do final da epocha, se se tirar a prova, deve dar; nove — nada... Deus queira, no entanto, que assim não succeda.

O actor A. da C. deu já três ou quatro entrevistas sobre o cinema sonoro e sobre o cinema mudo na Alemanha. Na ultima — publicada no *Seculo* — e depois de explicar as razões porque tem de abandonar a ideia de ir para o cinema, diz:

«— E que tenciona fazer?»

— Recomeçar a minha vida teatral na proxima epocha. E uma vez que ainda não nasceu o empresario que me queira contratar, continuarei a constituir empresa, para não deixar de trabalhar. Vou reorganizar a companhia, procurando juntar o maior numero de valores e fazer o inverno no Porto, pois julgo que o sr. Inspector geral dos teatros está empenhado na sua abertura, por causa da situação critica em que se encontram os artistas teatraes.»

A. da C. afirma que ainda não nasceu o empresario que o ha de contratar. Qual a razão desta afirmativa? Seria curioso conhecê-la...

INAUGUROU em Portugal as *tournees* em *camionette* a companhia do E. A.

Parece que são mais comodas as viagens e dizem que menos dispendiosas, tendo a vantagem de não se estar á mercê da hora do comboio...

Lá fora de ha muito que isso se usa.

Portugal começa a civilizar-se...

O Homem das 5 horas

Os nossos desejos são que o T. N. vá parar a mãos que dignifiquem o teatro português e que façam da casa do Garrett alguma coisa de util e de compativel com a sua categoria.

IZITA — nome imperial — já foi dizem os reclamantes, artista de *film*. Agora volta-se para o teatro.

Uma noticia teatral afirma que *Izita* é poetisa e recitadora.

A vár vamos, daqui á pouco, no T. P....

HA quem chame ao empresario J. L. — não sabemos bem porque — o *pai de todos*.

E' tambem este o titulo da peça de abertura do T. A., que pertence ao J. L., ou por outra — ao *pai de todos*.

O. de C. partiu para terras de Africa com um grupo de artistas. A *tournee* estende-se ás duas costas africanas. Talvez os braços do O. de G. tambem se lhe estendam, um pouco... como seria para desejar...

O E. B. começa bem a epocha. Abre com a peça: *A raça de Azerai*. Talvez o Azerai lhe dê sorte...

O discurso de Lino Ferreira na inauguração do Café Nicola

...mpieira do Loreto e mais virtudes das mulheres.

Devia ser muito feia essa Helena, conqueira do Loreto. Eu bem sei que naquela tempo ainda não se tinha inventado o rouge, o poudré Rachel, o Brimel, nem as massagens, nem as unhas do Santos Matos. Mas apesar de tudo para inspirar aqueles canapés...

*Framma se um planeta
Com telescópio de cu
Vê-se-lhe a cara de Helena
Sem telescópio de lá.*

Os estes outros:

*A estauqueira tem marido
Que quando deitar-se intenta,
Como não cabe na cama,
Terme dentro duma senta.*

E finalmente:

*Nariz, nariz e nariz,
Nariz que nunca se acaba,
Nariz que, se ele desaba,
Fará o mundo infeliz;
Nariz que Newton não quiz
Descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal
Que, se o calculo não erra,
Ficou entre a céu e a terra,
Fará o mundo total!*

...Linha. Sem o nariz do Cirano de Bergerac.

Mas Bocage, o grande apaixonado, o dos sonetos de amor... lá de vez quando zangava-se com as mulheres e não as pomparava:

*Morden uma serpe Aurélia
Que pensas que resultou
Que Aurélia varrou História,
A serpente é que estorrou.*

De que força da serpe. E com as mulheres e preciso muita cuidado:

*Da feia mulher Andromeda
Com zelos arde e rebenta;
Nesta o nobre fulgo boboito
A mulher é um Demónio,
Porém o Demónio tenta.*

E a verdade... Se eu e que não tenho uma mulher que me queira tentar... Também não é tarde. Ainda tenho algum cabelo.

Mas a poltrona já vai longa e tempo de se ir por um ponto... Um colega meu que um dia não quiz pôr ponto numa conferência tirou tanta audiência que por fim teve de pôr dois pontos no hospital.

Antes de terminar, quero pôr um dizer duas coisas aos proprietários deste café... Duas coisas que são de grande interesse.

1.ª - Que nunca esqueçam esta aneddotinha de Bocage:

Entrou Bocage, certa noite, no Café Nicola, do Rossio, e mandou fazer um bife. Era o primeiro alimento que tomava naquele dia o pobre poeta. Momentos depois, aparece o criado, trazendo no fundo do prato uma diminuta porção de carne, que, realmente, não merecia o pomposo nome de bife. Bocage olhou para o prato, examinou atentamente o seu conteúdo e entregou-o de novo ao criado, dizendo:

— Está muito bem, José. É exactamente desta carne que eu gosto. Podes mandar preparar o bife.

2.ª - Que devem fazer todo o possível para que os fregueses digam sempre o que o escritor José Maria da Costa e Silva disse de Bocage:

«Nunca se lhe notou uma falta de medida.»

E agora, meu caro Fernando, desculpa que faça um pequeno reparo à tua obra. Falta aqui um quadro... um quadro que recordasse o Bocage da nossa mocidade... O Bocage das histórias que nos contavam em pequenos e de que ainda hoje nos rimos.

Esse quadro podia ser colocado ali na escada que vai lá para baixo. Teria por cima as iniciais de dois grandes generais do tempo de Bocage: Wellington e Cambrone. W. e C. E por baixo uma tela em que aparecesse a ideia daquela celebre quadra:

*O' menina do toucado,
Já que tem a mão tão certa,
Venha buscar a oferta
Que ficou do baptisado.*

Machos casados, e meus senhores:

Nestas ocasiões aflitivas, recordo sempre aquele pensamento arabe que diz: «*Os momentos na vida dum homem em que ele só pensa na porta da saída.*»

Bem sei que V. Ex.ª tem o direito de me tratar... Quem te mandou aqui vir?

Não sei... Mas já fizeram a mesma pergunta a cada real das canas e ela também não soube responder.

Quem me mandou aqui vir?... A vaidade talvez.

Conhecem aquela aneddotinha do Pião do Rio Grande do Sul?

No Brasil dão o nome de pião aos homens que domam os cavalos selvagens. Ora uma ocasião, estando reunidos muitos fazendeiros para assistir ao ensino dos mais rebeldes animais, appareceu um pótro tão selvagem que ninguém se atrevia a montar. Começou então a ouvir-se de todos os lados: «*Vá lá o Jeremias, que é um grande pião.*» Vá lá o Jeremias... Vá lá o Jeremias...

O Jeremias, enverdecido com a distincção, sorria, olhava o cavallo e, com uma falsa modestia, desculpava-se...

— Foi... Sim... Mas...
— Vá lá o Jeremias, que é um grande pião! — continuavam os outros.

O Jeremias, cada vez mais vaidoso, foi até junto do cavallo, saltou-lhe para cima... e a seguir o animal encarcobou-se, deu dois saltos e atirou com o Jeremias fóra. Este subiu ao ar e desceu de cabeça para baixo. Então levantou-se, furioso, e gritou como um possesso:

— Quem foi o maroto que disse que eu era pião?

Quando disse o mesmo caso... Quem foi o maroto que disse que eu era capaz de falar do Bocage?

Sim... Porque muito embora V. Ex.ª não o a redimiu, eu venho aqui falar do Bocage.

Juro que não queria... fiz todo o possível para me safar, mas o Fernando Santos azarrou-se a mim e não se largou.

... Não sei se conhecem o Fernando Santos. É um rapazinho pintor que em pequeno jogou o berlimde com o Bocage na praia de Setúbal... Foi ele quem pintou estes quadros... que são de uma rara espécie de Vida de Cristo do Século XVIII... Os passos do Senhor Bocage.

Ora eu, aqui há alguns meses, estalhei com o Fernando uma colaboração de ensaio crítico, eu ando a ensiná-lo a fazer quadros de revistas... ele anda a ensinar-me a fazer quadros a óleo. É bom rapaz, mas quando aparece assim o negociante como este... que rende, mandando-me a mim para a revista e ele vai para o café.

Mas voltemos ao assunto desta palestra. Como eu lhes ia dizendo, fiz todo o possível para me livrar... quero dizer, para os livrar desta estopada... Ainda disse ao Fernando: «*Para falar de Bocage, está indicado um filho de Setúbal.*» Setúbal, terra do vate, do Sado e das sardinhas do laço, e não eu, que não sou poeta, que não tenho laço e que nasci no Campo Grande... No Campo Grande, onde o unico poeta que existiu foi o Joaquim da Tenda, que para fazer mais rapidamente os versos, em vez de os medir, pesava-os. Alguns saíam errados, mas isso era por aquele maldito costume que ele tinha de roubar no peso...

— Quem fala mais? — perguntou ao Fernando.

— O Matos Sequeira...

— Para mais, em competencia com o Matos Sequeira, o Matos Sequeira que é mais velho do que o Bocage...

— Mais velho?...!

— Já te disse... Ora vê lá se te lembrás da quadra:

*Quando a velha eternidade
Pela Alfanega passou
Disse ao Matos de Sequeira:
«— Sua benção, meu avô!»...*

— Isso não foi ao Sequeira, foi ao canapé.

— Pois sim... Mas exactamente a especialidade dele são os canapés D. Maria... E depois, verás que ele aparece com aquele *truc* de falar das col-



Fonseca Albuquerque, proprietario do Café Nicola todo se curva perante o discurso de Lino Ferreira.

sas antigas. É capaz de os convencer que o Rossio, no tempo de Bocage, não tinha laços, nem a estatua, nem o Nacional, nem a D. Ester Leão.

Por fim, o Fernando appareceu-me com esta:

— Não tem nada. Lês uns epigramas... e pronto.

— E pronto... Mas que tu me diz a mim que a assistência está resolvida a epigramatizar-me?

— Epigramatize, sim...
— Então está bem!

Fui para casa e atirei-me aos livros do Bocage... Efectivamente, o rapaz tinha talento... Ha lá uns naneritos que ele copiou dos recetários de agora... Mas também que tu nunca copiou que lhe atire a primeira pedra... Copiou... Têm duvidas... Eu provo:

A PRISÃO

*You pintar os dissabores
Que sofre meu coração
Desde que tei rigorosa
Me pôs em dura prisão.*

*Do funesto Limociro
Já toco os trinta degraus,
Por onde sobem e descem
Igualmente os bons e os maus.*

*Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes:
Feroz condutor me enterra
No sepulcro dos viventes.*

*Ha já quarenta e três dias
Que choro neste degrado:
Hei de ser muito calado,
Costumaram-me ao segredo.*

E então? E' ou não é exactamente o «Fado do Aljube» da «Mouraria»?

Ao mesmo tempo, tenho pena de não ter encontrado o Bocage vivo, quando começei a escrever... Modestia áparte, que grande revista que nós podíamos ter feito... Só com os epigramas aos medicos fazia-se um quadro estupendo, um quadro que se in-

tularia: «*Quem o seu medico poupa, ás mãos lhe morre.*»
— Quem que cracha?

*Doutor, até do Hospital
Te saes de enfermo bando,
Que seia disto a causa?
E' porque em tu recitando,
Qualquer doença é mortal*

E este outro:

*Uma terra dizem que ha
Onde a fome acerba e dura
Caba dos medicos de lá,
Porque é isto? E' porque lá
Pagam somente a quem cura*

E o terceiro... Mas ha mais:

*Estando enfermo um poeta,
Foi visitado um doutor
E em rigorosa dieta
Logo logo o mandou pôr.*

«*Requie-se, coma pouco e
(Diz-lhe o medico eminenté)
«Al senhor!» (Acorda o medico)
Por isso é que eu estou doente.»*

Sim, porque mesmo na opinião cá do dono da casa, o verdadeiro remedio é comer-lhe e beber-lhe bem. Mas um dia houve um doente que se revoltou...

*Levando um velho avarento
Uma pedrada num olho,
Pôz-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.*

*Certo doutor, não das durtas,
Mas sim medico perfetto,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defetto.*

«*— Dez moedas! (diz o avoro)
Meu sangue não desperdico,
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.»*

Podia tambem fazer-se um quadro de rua com motivo principal na es-



O que se diz e o que se não deve dizer

A victoria dos "miudos" sobre o "team" de Sevilla

Ainda ha portugueses! Ou, pelo menos, ainda ha lisboetas!

Os sevillhanos perderam por três a dois, mas perderiam por um milhão a dois — se não fôra o guarda-rédes por um contracto firmo com a Virgem da Maradona.

Como foi? Não se sabe bem.

Os espanhóis jogavam mais, tinham mais feitiço, mais corpo, mais *brilliance*. Pois tinham, mas tinham defesas. Também tanto que, não se podia para contrabalançar o poder de improvisação entusiástica de dois *miudos*.

Porque afinal o arranço do último quarto de hora foi a soma dos arranços de Pepe e Vitor Silva. O extremo direito foi expulso. O interior esquerdo merecia sê-lo, dada a sua inutilidade. E o extremo esquerdo estava, naturalmente, votado ao ostracismo. Os dois *miudos* resolveram, portanto, fazer de cinco homens — e os espanhóis não deram pela *camouflagé*...

No Lisboa-Sevilha bateu-se o *record* dos pontapés na cara. Mas foi todo *per bem*...

De resto, o arbitro marcou, logo d'entrada, um *penalty*, para demonstrar que o unico senhor, ali, era elle; os espanhóis abrandaram... e os nossos acharam bem.

Foi pena, porque assim não puderam os visitantes retribuir os festejos da Semana Portuguesa em Sevilha, exibindo Noventa Minutos Sevillhanos no Campo Grande.

Um camarada nosso assegurava espiritualmente que o triunfo se deve ao facto do *team* ser, na maioria, vegetal. E a vantagem provada do Natuismo.

keeper Silva, Backs Paulo e Silva. Um *medão* — Oliveira. Deanteros — dois Silvas. Na penta — Ramos. E ainda nos *medões* havia Matos para dificultar o ataque adversario.

E até o arbitro era Rosmaninho e Silvestre.

Antes de jogar outro *match* com-nosco, os sevillhanos treinarão nos jardins do Alcázar.

Eizaguirre, guarda-réde do grupo de Sevilha, teve as honras da tarde. Fez defesas monstrosas — málores que a Praça de Espanha.

A estrela de Zamora começou antes-ontem a empalidecer em Portugal...

Um jornal publicou o seguinte tele-

grama duma agencia basco-americana:

RIO DE JANEIRO, 1. — *Tavarez Crespo teve um combate de aborço com o uruguaio Andrés Miguel. O pugilista português venceu o seu adversario brillantemente aos pontos, ao 1.º round.*

E o *rele* tor desportivo da gazeta estendeu-se brillantemente aos pontos ao 1.º telegrama.

Comçou antes-ontem o H. Pentatlo Militar, com as provas de tiro. Ontem, os *concorrentes* nadaram. Hoje, esportivamente. Amanhã andam a pé, depois de amanhã, a cavallo.

Para os amadores e amadoras diremos que a competição de hipismo se

realiza no Jockey Club, ás 16 horas.

Domingo proceder-se-ha a distribuição solene dos premios aos felizes penta vencedores.

A National Boxing Association, dos Estados Unidos, decretou que um *boxeur* estrangeiro só tem o direito de disputar um combate seis meses após a sua chegada aqúelle pais.

Esta decisão é estapendamente engraçada.

Reflectindo um pouco, deduz-se que sera absolutamente impossivel a um pugilista profissional europeu tentar, de ora em diante, a sua *chance* nos Estados Unidos.

A National Boxing, que está vendo os titulos a fazer a travessia do Atlan-

tico no sentido oeste-leste, des-linha o ovo de Colombo... ás avessas.

Hunt, Baldeck, Harvey, etc., podem dizer adeus aos campeonatos do Mun-

Rebola-A-Bola.

A ceia dos clubs

Transcreve-se a parte final desta formidavel obra:

PAÇO D'ARCOS

— Em que pensas, Palhavásinho?

PALHAVA

— Em como é tão diferente o nosso bom joguinho! Nem o *trac* subtil, nem o *pinhão* violento. E' um jogo todo amor, um jogo sentimental.

Um *shoot*, um pontape, um juiz a apitar. Um *keeper* que es-*tréga* e deixa a bola entrar.

Tão simples tudo! Que encantador o jogo! Entram os nossos homens e a gente *pre-ve* logo

A cabazada imensa que havemos de levar. Mas trilhamos serenos a estrada do azar. Sorrindo á infelicidade, como outrora os cristãos A's feras raivocidas de imperadores pagãos.

CHELAS (com *arsinho* malandro)

— Tu tambem já ganhaste?

PALHAVA (abandonando a cabeça)

— Tambem, tambem. Podessa já viver sem ter vindo a quem? Vencer é vida, triunfo, felicidade.

E vence quem tiver mais força de vontade.

No campo, em qualquer parte, no largo de S. Roque,

Onde ha varias ideias em permanente choque. Onde a linba e ás vezes bastante maltrada.

PAÇO D'ARCOS (ironicosado)

— A zaragata é tudo. O resto quasi nada.

PALHAVA

— Se queriam que eu passasse aqueta *Prémio*...

Não me deixassem ter a efemera *Prémio*. De que não baixaria. Como sou infeliz!

(chorando)

Adeus Divisão de Honra! A sorte assim o quiz.

(soluçando)

E já não tenho esperanças de tornar a voltar,

CHELAS (piscaando o olho ao *Paço d'Arcos*)

— Foi ele, de nós três, quem teve mais azar,

Zé Maria.

"FOULS-BALL"



O Lisboa-Sevilha não foi «foot-ball» foi «FOULS-BALL»

"A Peninha" "Restaurant"

O seu proprietario previne os seus Ex.^{mos} amigos e clientes que se abriu este acreditado "restaurant", na rua Pascoal de Melo, n.º 2.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este "restaurant" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os tambem aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario, que espera e agradece uma visita á nova

"PENINHA"

2, Rua Pascoal de Melo, 2-A (a Almirante Reis)

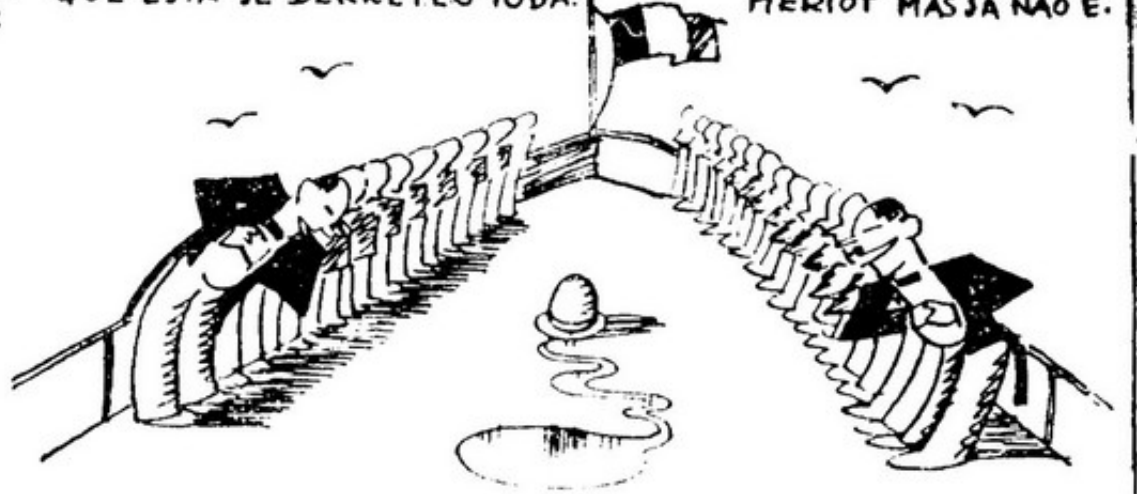
Canto á habria de servico Portugalia — TELEFONE 2. 5522

ECOS DA SEMANA

PARA QUE FOSSE POSSIVEL O DESAFIO PORTO-LISBOA EM WATER-POLLO NOR-TE, FOI NECESSARIO UTILIZAR ALCUNS BALDES DE AGUA A FERVER.



FORAM TANTAS AS ATENÇÕES PARA COM MADAME HÉRIOT QUE ESTA SE DERRETEU TODA. HÉRIOT MASSA NÃO É.



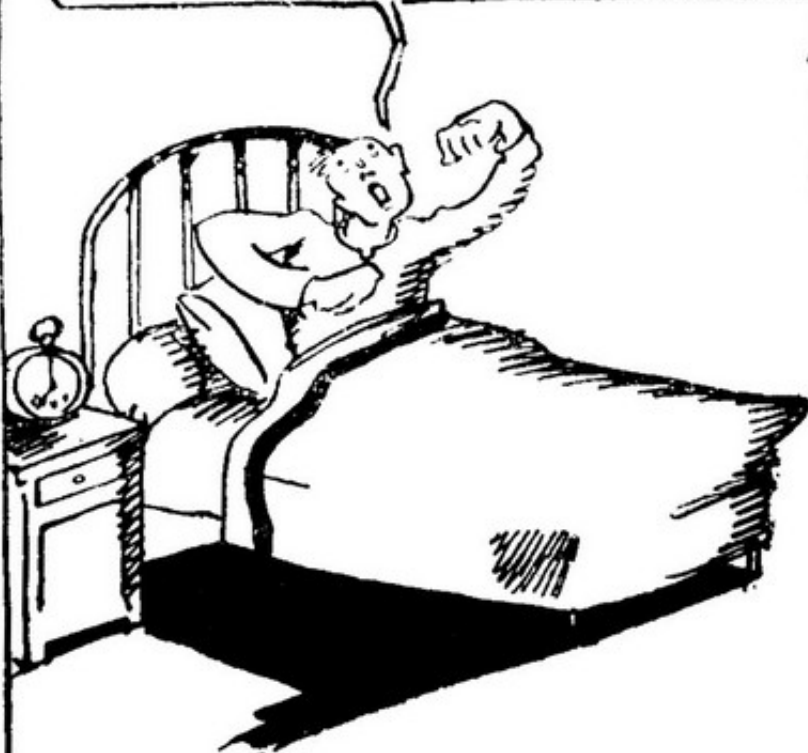
A TABAQUEIRA E A COMPANHIA DOS TABACOS SE PODESSEM MATAVAM-SE. JA DISSERAM AS ULTIMAS E ESTÃO AQUI ESTÃO ENGALFINHADAS.



A VERDADEIRA BARRACA DE AMOSTRAS, NA FEIRA DO ESTORIL, É A QUE FICA AO PÉ DO "QUASINO". TAMBEM COMO CONCORRENCIA, LEVA A PALMA A TODAS.



AH! RAPAZES, QUEM ME DERA QUE O RELOGIO SE ATRASASSE UMA HORA TODOS OS DIAS



UMA DELEGAÇÃO DE CARAPAUÇOS, NO MOMENTO EM QUE OS DA PROTECTORA FESTEJAVAM O DIA DO ANIMAL, ASSALTOU AQUELES, LEMBRANDO QUE TÃO ANIMAIS ERAM OS GATOS COMO OS CARAPAUÇOS E QUE, NO ENTANTO, IAM PARA A BARRIGA DAQUELES. APESAR DA RAZÃO QUE LHESS ASSISTIA OS CARAPAUÇOS FORAM PRESOS PARA O AQUARIO DO DA FUNDO.



QUE BELA MANHÃ A DE O DE OUTUBRO. QUE RENDOSA.